

MENDES, Nancy Maria. **Apesar do tempo...** Belo Horizonte: Scriptum, 2008, 176 p.

Marília Rothier Cardoso*

Vários críticos e professores de literatura, estimulados pelo prazer da convivência estreita com a arte, em algum momento de sua trajetória experimentam a escrita ficcional. O livro de Nancy Maria Mendes, no entanto, desafia e ultrapassa o padrão mais comum. Com a tática dupla da delicadeza e da ousadia, a autora arrisca-se, garantida por apoio sólido, a situar sua escrita justamente na fronteira – aquele limite fluido entre ensaio acadêmico e experimento estético, registro pessoal e invenção para o público. De modo discreto, com um levíssimo traço de humor, transfere seus conhecimentos de teoria para a prática literária, sem perder a oportunidade nem dos estratagemas lúdicos, que o fictício permite, nem das pequenas lições de textualidade, que a metalinguagem impõe.

O propósito evidente de explorar as possibilidades da narrativa – arte que se processa pela sucessão de episódios, ainda que se construa, como é o caso aqui, de modo a produzir efeito de simultaneidade – fica claramente assumido no título: **Apesar do tempo...** Insistindo, desde o início, na fluidez incontrolável da vida para resistir a ela pelo trabalho empenhado da escrita, o livro inclui a ambiguidade no cerne de sua arquitetura e não cessa de promover deslocamentos. Se sua matéria é a memória, escolhe comportar-se com a correspondência e o relato autobiográfico – tipos de discurso classificados à margem do literário – mas incorpora-os com o objetivo contraditório de servir-se das potências do falso sem deixar-se controlar pelas regras da estética romanesca. A adversativa – “apesar” – não é uma desculpa; ao contrário, surge como motivo básico da tarefa literária. O sucesso de seu resultado, tal como se delineia, só se consegue pelo caminho enviesado de começar pelo lado oposto. Assim, os narradores das duas partes do livro apresentam-se como amadores; profissionais de outras áreas que se arriscam no ofício de escrever. O artifício consiste em fazer da insegurança do aprendiz um atalho para a experimentação estético-crítica. Finge-se certa inocência diletante para arejar os modelos institucionalizados (o relato de

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

viagens, o romance epistolar, a autobiografia romanceada) com fragmentos resgatados da prática escritural cotidiana.

O início do capítulo 10 da primeira parte dá uma pista para a escolha do estatuto ambíguo do texto. A narradora – remetente da correspondência – refere-se às “cartas familiares” como aquelas que, quando em viagem, enviava a um membro da família para que este a fizesse circular por todo o grupo de parentes e amigos. O método de “economizar tempo” (p. 43), tal como se apresenta, nada mais é do que a experiência do salto do privado ao público, do destinatário determinado ao mundo heterogêneo e indefinido dos leitores. Por isso mesmo, as cartas, que constituem o romance, ignoram a cronologia própria desse gênero utilitário tanto quanto o trânsito concreto ou virtual das missivas, pois são dirigidas ao amigo “de invenção” (p. 80). Pouco importa se, no enredo, esse amigo leva o apelido de alguém com quem se conviveu na juventude e se perdeu de vista na maturidade; não interessa se, na organização geral da narrativa, o amigo extraviado é o autor do relato autobiográfico, que, como segunda parte, corre paralelo à correspondência. Para o equilíbrio semântico e técnico do romance, perguntas e respostas não são simétricas, pois a experiência de vida foi reelaborada como jogo de faz de conta, onde o imponderável dos desfechos torna-se artifício estético, explorado de modo a produzir percepções e afetos em vez de desmanchar-lhes o encanto enigmático.

Apesar de conservar, com vistas ao futuro, um tempo de viagens e de trazer para o presente do enunciado a possível concretização de desejos perdidos no passado, a graça do romance de Nancy Mendes vem do exercício – rigoroso, mas descompromissado – de diferentes modelos de escrita e de conhecidos fragmentos romanescos para questionar a produtividade do literário. O enredo, sedutor em sua convencionalidade de desencontros amorosos, a nostalgia das certezas rebeldes da juventude, a apreciação idealizada das obras primas da arte ocidental sustentam-se como trabalho de ficção porque se indagam, a cada pausa da trama, sobre seu valor efetivo. Qual o segredo de ganhar ou recuperar um amigo – ou, quem sabe, até um apaixonado – lançando palavras ao desconhecido? Que cadência se exige da descrição de uma nevasca na montanha ou de um campo de ipês em flor para que evoquem memórias de um receptor indiferente? É a consciência

da solidão da tarefa de “dar asas às lembranças” (p. 83) para captar afinidades dispersas que mantém a consistência dos 47 capítulos. Sua trama errática, pontuada por coincidências apesar do desencontro, assim como sua ênfase na desproporção entre o tamanho dos corpos e o tempo das expectativas, alegorizam, de forma sutil, o precipício existente entre a intenção do memorialista-inventor e a expectativa daquele que pode tornar-se seu pólo de interlocução.

Nancy Maria Mendes desenvolve seu experimento de romance conformando-o a um tema tradicional: a memória que resiste à passagem do tempo. Submete-se também a uma trama simples e previsível – as tentativas, paralelas, mas inúteis, feitas por dois amigos de juventude, de se reaproximarem no início da velhice – porque precisa concentrar todas as forças artísticas numa estrutura narrativa engenhosa, capaz de garantir a eficácia do amálgama de gêneros e registros discursivos. Pode-se dizer que, contrariando a primeira impressão, o romance não se passa entre os amigos que não chegaram a tornar-se amantes. O que, mesmo inconscientemente, mantém em suspense a atenção do leitor é o movimento complexo de atração e repulsa entre os blocos narrativos, o jogo armado pelos cortes, encaixes e divisões do texto, de modo que a experiência de leitura corresponda à tensão prazerosa de caminhar por um bosque labiríntico. As anotações de turistas bem informados, os argumentos medidos para um debate político, a avaliação de ações passadas e a reflexão ética em que se desdobram, a observação refinada da natureza e da arte – todo esse esforço de reinstalar, no presente, o valor da cultura humanística –, quando transpostos do ensaio para a ficção literária, submetem-se a soluções de ordem técnico-estética. Coerência referencial, construção de significado temático e desfecho da trama recolhem-se a posição inegavelmente secundária. Se aceitamos a aposta que Nancy Mendes nos lança, temos de percorrer (com maior ou menor interesse, não importa) os diferentes tempos narrativos com a atenção voltada para o efeito de presença do texto – o panorama conflitivo mas harmonioso que se vai desenhando diante de nossos olhos.

É claro que a autora, mesmo estreante no romance, conhece todas as manhas do ofício. As personagens principais, que atuam como narradores, são apresentadas de maneira convincente. Seu perfil sóciopsicológico,

no entanto, resulta bastante esquemático. Sua função decisiva, no relato, é muito menos sustentar um enredo do que encenar o drama da preservação da memória. O reforço das afinidades eletivas, na contramão dos equívocos e desentendimentos amorosos, busca a possibilidade de que as vozes paralelas não se anulem e encontrem um registro onde dialoguem em contraponto. A sabedoria teórica da autora igualmente ditou-lhe uma estratégia produtiva: a falência da comunicação oral compensada pela força da escrita. Traçado na página ou na tela, como imagem que se cristaliza, o texto se desvencilha da vida de seu enunciador para ganhar o espaço aberto a qualquer forma de recepção e desencadear diálogos imprevisíveis. Quando atribui o papel principal da narração à personagem que se isola no “Sítio dos Ipês” para escrever cartas a um destinatário imaginado – sua “cara personagem” (p.103) –, Nancy Mendes está trazendo sua contribuição literária para o cerne das ambiguidades do mundo contemporâneo. Hoje, ao mesmo tempo em que se questionam os cânones e se buscam critérios múltiplos de avaliar obras e comportamentos, desconfia-se do progresso técnico e financeiro em nome do equilíbrio da natureza e do resgate das tradições culturais. Este romance escolhe preservar certo modelo de cultura, mas lança-se ao acaso da interpretação de seus receptores. A possibilidade de interlocução, com que conta, fazendo-se herança para as novas gerações, acolhe o imponderável das circunstâncias nas décadas seguintes. Cada vez mais, o texto escrito vale como uma carta de remetente que se auto-inventa para dirigir-se ao “amigo”, conhecido apenas em fantasia. Se as vias transversas da comunicação fazem chegar aos olhos do missivista um texto de evidente afinidade com o seu, não se trata de um final feliz. O circuito das trocas simbólicas não deixa de distribuir lucros e perdas, à revelia, quase sempre, do mérito dos negociadores. Apesar de tornar o passado objeto de sua ficção, este experimento de romance nos oferece um diagnóstico sugestivo do presente, como encruzilhada de perspectivas tão fascinantes quanto desorientadoras. Apesar de montado com peças conservadas através do tempo, este jogo – desafio proposto por Nancy Maria Mendes com a leitura de seu livro – é um quebra-cabeça (auto) crítico atual, capaz de nos por em confronto com a obra de arte que se pode fazer da vida.